

PESQUISA EM EDUCAÇÃO: ARTE DE FAZER PESQUISA PESQUISANDO

MENDES, Tarcísio Moreira
Programa de Pós-Graduação em Educação Faced/UFJF
tarcisiodumont@yahoo.com.br

Palavras-chave: Pesquisa em Educação. Arte. Pesquisa.

Introdução

Das vozes do primeiro encontro de quinta, *um grupo* de quinta-feira, o curso de extensão *Professores em formação: processo ético-estético-político* que se quer grupo de estudos ou oficina, ainda não se sabe, surgem linhas, emaranhado de possibilidades para pensar formação e, por relação territorial, pensar formação de professores.

Os primeiros movimentos vão ao retorno das significações, das representações, do amigo, do primo, do orientador, do local já reconhecido, familiar, quase um *chá das cinco*. Movimentos repetidos que geram apenas o Mesmo: será possível separar o pensar do agir? Ainda investir numa dicotomia entre pensamento e ação, claro, agora apostando na ação sobre o pensamento é possível: eterno retorno do Mesmo. Pense, mas pense e agora, pense até criar um outro, num outro possível: pensar é ação.

Porém, ninguém sabe o que pode um corpo, ninguém sabe o que pode um grupo, posso até deduzir o que pode um possível *Travessia* Grupo de Pesquisa da UFJF certificado pelo CNPq... Mas o encontro reserva o melhor: produção na diferença! É que nem todo artista fala de arte, nem todo professor fala de aluno, nem todos interessados em educação são licenciados! Desconhecido, estranhamentos. As vozes desconhecidas gaguejam possíveis.

Marta Elaine diz o que o indizível produz e o emaranhado de linhas faz com que crie um novo desconhecido, impossível de ser racionalmente explicado. Nada de explicação, no entanto, quanta produção: invenção de ata-texto-dissertação-de-mestrado. Possível de explicar? (E olhe que a orientadora não orientou nesse sentido). Não. De entender? Ah, isso sim. Falas esquizas que forçam limites entre “eu-outro” fazendo-os desaparecer, quase impossível de dizer. Mas é isso! “Então era isso!” Cláudia Meireles compartilha sua experiência nos encontros do CAPS Casa Viva, onde produção não falta e um “eu” é apenas resto, sempre outro e outro e outro e...

Rafael quase balbucia, gagueja em sua língua própria em plena produção de acontecimento. O desconhecido, o não codificado, o desterritorializado psicólogo-filósofo-pesquisador aposta no atual problema: estou curioso para ver o que vai dar! Pra mim, é tudo novo! Em alguma *Conexão*:

[...] um abalo no hábito de pensar o professor como agente de um saber que ele domina. Sem dúvida, ele foi iniciado em algum saber, mas o que está em pauta nesse ponto é sua efetiva e atual participação na experiência do seu próprio aprendizado, enquanto busca de algo que o desafia, que ultrapassa sua compreensão imediata das implicações do seu próprio saber, da situação em que ele atua e do campo problemático que o envolve com os outros. Trata-se de um aprendizado, pois essa busca não depende simplesmente de uma boa vontade do professor [...].

[...] esse ponto politiza nossa própria inserção em campos problemáticos ao estabelecer que continuamos “escravos enquanto não dispusermos dos próprios problemas, de uma participação no problemas, de um direito aos problemas, de uma gestão dos problemas” (Deleuze, 1988, p. 259).

ORLANDI (2011, p. 148-149).

Do chá das cinco ao convite para o chá de Alice que não quer explicar nada, mas inventa muito: tempo, sabores, espaços... Fica o convite para novos encontros, nova composição de campo problemático para inventar o que pode uma pesquisa ou *pesquiZa*.

Como pesquisar? Ou, como algo se torna pesquisa? Ou, como um grupo põe-se a pesquisar em pesquisa? Tínhamos um grupo. Tínhamos um projeto. Tínhamos uma disciplina (ou ainda, medidas disciplinares variadas). Temos várias pesquisas. Tínhamos muitos cronogramas. Tínhamos leituras. Muitos teóricos. Tínhamos desejos. Temos desejos. Muitos, mas muitos objetivos objetivos... Eventos, finalizar capítulos, ler e discutir “diferença e repetição”... E foi acontecendo. O cronograma do grupo tem que ser preservado. O do projeto financiado, mais ainda. Que cronograma e que grupo? Elegemos prioridades. Ou elas se impuseram. As leituras textuais teóricas quase abandonadas, salvo os textos de “fim” de pesquisas. O atravessamento tinha se dado. Segunda logo se tornou quinta e a sexta ressaca da quinta, aquecimento da segunda metamorfoseada em quinta. Ilusão. A segunda continuou segunda, a quinta, quinta; a sexta, sexta. Será? Que se dá? Pesquisa. Ou *Pesquiza*. Pesquisa move o imóvel, move o móvel também, põe em forma na academia da forma outra forma, forma em devir, devir forma. Trans-forma dias da semana. Repetição ordinária transformada em assunto extraordinário. O medo anterior toma forma: a quinta que nunca acaba. Já outro, não se atualiza: a sobreposição do *Travessia* ao grupo que se cria. Mas o monstro da criação põe-se a criar. Nem Crisaor sabe o que vai dar. E não é que o movimento move. A alegria! Ah, alegria! Encontros. Desfazimento da forma *Travessia*, criação de forma outra em *travessia*, *Travessia* outro. Quinta que atravessa segunda, vara a sexta como a lança frabiciana atravessando o isopor. A pesquisa põe em movimento o grupo em pesquisa na criação de um grupo de pesquisa atravessado em grupo, pela pesquisa, *esquiza*. Emergência de outro cronograma, direção em pesquisa outra. Urgências outras de leituras. Urgências de pesquisa outra. *Pesquiza*. Pesquisa que se dá ao criar outro grupo no movimento dos desejos, na volúpia de outros desejos, encontro dos desejos, criação de desejos... outra pesquisa, outras pesquisas, outros cronogramas, muitas *pesquizes*. Quanta C R I A Ç Ã O! Se o medo antes fora que o *Travessia* se impusesse e impedisse devires, calasse vozes, a alegria agora é a festa da criação de outro corpo de mil ouvidos, mil olhos, mil peles, mil sentidos, mil bocas, mil ânus, mil pênis, mil vaginas, mil fecundações! Sentidos antes não sentidos, agora com outros sentidos... Muitos sentidos! Devir da forma, desaparecimento da forma, outra forma que se forma na afirmação que informa que forma é sempre provisória. Criação esquiza: *Pesquiza*.

Metodologia

O que pode a arte na Educação? Que Arte pode a educação? Um artista que vislumbra produções artísticas na escola, fora da sala de arte, dentro da secretaria, no corredor, na oficina, no contra-turno, no recreio; em outros espaços educacionais que não estão instituídos pela tradição da Escola, para o ensino regular da Arte. Mas arte se ensina? Um que não se reconhece e não se produz na Pedagogia. *Um*. Ou pelo menos produz um outro que não se esperava pedagogicamente. O mesmo que na Arte se produz com educação, na diferença do encontro com a Educação. Um artista levado à sala de aula e que é posto a pensar outras relações possíveis entre Arte e Educação, para além da repetição da linguagem escolar do Mesmo, na travessia de produção de si e produção de mundo.

Nos encontros, novos movimentos no pensamento em arte. Mas arte não é só linguagem artística: teatro, dança, performance, pintura, música, literatura, cinema, artes visuais, fotografia, circo, artes plásticas... arte também é modo de criação. Pesquisar com arte, é possível? Encontros com Filosofias da Diferença, na amizade de pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari e Michel Foucault e Nietzsche e Literatura e Música Popular e... Pistas são encontradas que alargam e desmancham e criam novos territórios de arte, novas relações entre arte e educação e clínica. Pesquisa como cura, é possível? O pensamento na diferença potencializa outro modo de pensar formação. A diferença como criadora do novo. A constatação da diferença, a dissolução da dicotomia e a invenção. O novo partindo da repetição na diferença e não da busca pela semelhança.

Essa relação é de constituição: o de-dentro é constituído pelo de-fora, por uma operação do fora, mas de tal modo que nem se opõe, nem mesmo é fisicamente exterior ao de-fora: lhe é coextensivo (...). A razão desta relação intrínseca é que esta operação constituinte é uma dobra, uma prega, uma reduplicação; é a dobra do-fora que constitui o de-dentro. (MACHADO, 2009, p.177).

Assim como a dobra em Deleuze, comentada por Machado, que não cria dicotomias, mas relação na diferença, investigam-se as desdobras artísticas em processos de formação, inclusive de professores. Pensar dobra como formação permite se desvencilhar de métodos que buscam totalização e estagnação no já conhecido. Não procuramos mais formas bem delimitadas, com territórios intransponíveis. Investimos na forma que está sempre em formação, um fora do território que se constitui junto do dentro, mas não em oposição. Um fora que é também dentro, um dentro que é desdobra do fora que se desdobra inventando outro dentro e desdobrando e dobrando foras... “A cada vez que um diagrama se forma, a pele se curva novamente. Nesta dinâmica, onde havia uma dobra, ela se desfaz; a pele volta a estender-se, ao mesmo tempo que se curva em outro lugar e de outro jeito; um perfil se dilui, enquanto outro se esboça” (ROLNIK, 1997, p. 26). E as relações não param, há dobras, desdobras, dobras. E “A desdobra, portanto, não é o contrário de dobra, mas segue a dobra até outra dobra” (DELEUZE, 1991, p.18). Como esta pesquisa vem se produzindo na relação entre corpos, no corpo pesquisador, marcas aparecerão e seguirão seu rigor. E sobre o rigor e marcas, Rolnik aposta numa desdobra ético/estético/político:

Ético porque não se trata do rigor de um conjunto de regras tomadas como um valor em si (um método), nem de um sistema de verdades tomadas como valor em si (um campo do saber); ambos são de ordem moral. O que estou definindo como ético é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças. As verdades que se criam com esse tipo de rigor, assim como as regras que se adotou para criá-las, só têm valor enquanto conduzidas e exigidas pelas marcas. Estético porque este não é o rigor do domínio de um campo já dado (campo de saber), mas sim o da criação de um campo, criação que encarna as marcas no corpo do pensamento, como uma obra de arte. Político porque este rigor é o de uma luta contra as forças em nós que obstruem as nascentes do devir. (ROLNIK, 1993, p. 7)

Na desdobra ética/estética/política do rigor percebo, ainda, uma desdobra econômica. Econômica, pois o que se produz não tem utilidade totalizante e investe no desejo de produzir. Como se trata de acompanhamento de processo, não visa à produção de um produto mas, a qualquer momento da produção em processo, produtos serão produzidos,

restos de processo (como este texto, agora) e produzirão outros tantos produtos restos sempre produtores de outros e outros e outros e e...

Resultados e discussão

A questão aqui não é propôr um método lógico, totalizante, generalista, verdadeiro que seja capaz de criar bom formato de pesquisa. A questão aqui é investigar processos nos quais a produção de si e de mundo se dá. Educação como criação de si e de mundo. É possível?

Os primeiros processos de acompanhamento da pesquisa se configuraram no exercício da cartografia, seguindo algumas pistas organizadas no trabalho de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009), provocados pela obra de Deleuze e Guattari (1995-1997). No momento, ensaiava-se um exercício de pesquisa esquizoanalítico – uma *pesquiZA* – provocada pela experiência da leitura da obra *O anti-Édipo* de Deleuze e Guattari (2010). Partindo do trabalho dos amigos a respeito da problematização da produção esquizofrênica, ensaiava-se uma prática de livre associação na constituição de uma pesquisa *bricoleur* em educação.

Considerações finais

Não vivo a comunicação. Viva a expressão com seus múltiplos sentidos a serem inventados. A convivência com os louquinhas, assim como Peter Pál Pelbart carinhosamente chama os seus amigos de *esquizocena*, a proximidade ao trabalho com Cláudia Meireles no CAPS Casa Viva, com tamanha competência e originalidade de risco, tem me provocado a pensar que a distinção entre usuários e profissionais da saúde nada tem a ver. Que a distinção entre analista e analisado, nada tem a ver. Mas isso os psicanalistas já o sabem, pois todos têm também que fazer análise, mas mesmo assim, sentem-se mais saudáveis que seus analisados. Somos todos usuários de um sistema social que ora nos adoece, ora nos dá brechas para a fuga à invenção da cura possível. Mas como? Afinal, do que nós estamos adoecidos na academia? Pesquisa como cura é possível? Arriscando na *pesquisa*.

Referências

- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O anti-Édipo*: Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- DELUZE, G. *A dobrA: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papirus, 1991.
- DELEUZE, G. *Diferença e repetição*, tr. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- MACHADO, R. *Deleuze, a arte e a filosofia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2010.
- ORLANDI, L. *Deleuze – entre caos e pensamento*. In.: Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e... / Antônio Carlos Amorim, Silvio Gallo, Wenceslao Machado de Oliveira Jr. (orgs.) – Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 2011.
- PASSOS, E.; KASTRUP,V.; ESCÓSSIA,L. (Org.). *Pista do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROLNIK, S. *Uma insólita viagem à subjetividade*. LINS, Daniel (Org.) Cultura e Subjetividade. São Paulo: Editora Papirus, 1997, p. 25-34.
- ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir: Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de Subjetividade*, v. 1 n.2. Núcleo de Estudos e Pesquisas

da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993, p. 241-251.